

Influência genética

15/12/2009
Correio Braziliense

Ao estudar comportamento de gêmeos idênticos e não idênticos em relação ao alcoolismo, estudo australiano revela que fator hereditário é mais importante para o desenvolvimento do vício do que se imagina

O primeiro contato do adolescente com o álcool acontece geralmente nas festinhas da escola, em bares ou até mesmo dentro de casa sendo familiares e amigos próximos os possíveis agentes influenciadores de uma futura dependência. Porém, um estudo australiano divulgado pelo Centro de Informações Sobre Saúde e Álcool (Cisa) mostrou que, além do poder exercido pelo ambiente no qual o adolescente vive, o alcoolismo pode estar relacionado à genética, com a idade de início do uso apontada como um importante moderador. De acordo com a pesquisa, fatores hereditários sobre os sintomas da dependência foram identificados com mais força entre indivíduos que relataram ter iniciado o consumo antes dos 13 anos de idade.

De fato, quanto mais cedo o indivíduo inicia o consumo, maior a predisposição hereditária, conforme o psiquiatra e presidente do Cisa, Arthur Guerra. A variação dos sintomas da dependência daqueles que disseram ter experimentado a bebida pela primeira vez tardiamente, por volta dos 18 anos ou depois disso, acabou sendo relacionada a fatores ambientais (influência familiar ou de amigos). A pesquisa avaliou gêmeos monozigóticos que compartilham a mesma informação genética e dizigóticos com informações diferentes (veja arte). Eles foram escolhidos devido à carga genética alta, tendo, portanto, maior facilidade de identificação dos fatores orgânicos, afirma o especialista, que é professor da Universidade de São Paulo (USP).

Segundo Guerra, a questão da hereditariedade aparece aumentando a vulnerabilidade ou o risco do indivíduo para o vício. A explicação para o fato de uns se sentirem bem com os efeitos do álcool e outros não está em estudos anteriores. É possível afirmar que o indivíduo que bebe cada vez mais e se sente bem apresenta uma quantidade maior de enzimas no fígado, que conseguem metabolizar o álcool com maior eficiência. Porém, nem todas as pessoas sentem prazer, afirma, lembrando que as mulheres, em especial as asiáticas, costumam ser menos tolerantes a grandes quantidades de álcool, por conta de um número menor de enzimas.

A influência familiar no alcoolismo é um fato já conhecido e aceito, segundo a gastroenterologista e hepatologista do Hospital Albert Einstein Eloíza Quintela. O grande questionamento, porém, é se a doença ocorre por influência do convívio ou da genética. Constatou-se que, quando um dos gêmeos idênticos se torna alcoólatra, o irmão se torna mais frequentemente dependente do que irmãos gêmeos não idênticos. Essa constatação mostra a influência genética real, mas ainda não explica porque, mesmo tendo os genes do alcoolismo, uma pessoa não se torna alcoólatra, questiona.

A enzima responsável por metabolizar o álcool no fígado é chamada de desidrogenase láctica. Segundo Quintela, ela atua diminuindo a quantidade de álcool que por fim chegará ao cérebro. Dessa reação, surge o acetaldeído metabólico oxidativo que tem sido visto como causador de lesões teciduais importantes. As células do fígado dos dependentes, que passam semanas ingerindo de quatro a cinco doses, diariamente, começam a acumular gordura. O processo de inflamação e destruição das células no organismo daquele que insiste em beber resulta numa hepatite alcoólica. Aí, a graça da bebida vira um problema quando o organismo se submete a novas doses, desencadeando várias outras doenças, diz Quintela.

Desde os 10 anos

O jovem vendedor Pedro *, 24, teve o primeiro contato com a bebida aos 10 anos de idade, por meio da influência de amigos próximos. Nessa época, ele já vivenciava problemas sérios de dependência na família, apesar de a dependência só ter sido detectada por volta dos 14 anos. Dois anos depois cheguei àquilo que considero o fundo do poço. Não bebia todos os dias e não cheguei a ficar doente. Porém, quando acontecia, passava as noites fora de casa, faltava aulas e gastava todo o dinheiro em álcool, afirma.

Ele conta que os pais sabiam do problema e sofreram bastante, mas somente em 2002, aos 16 anos, o jovem teve acesso a tratamento e procurou ajuda nos Alcoólicos Anônimos (AA) uma irmandade mundial sem fins lucrativos que se reúne para alcançar e manter a sobriedade por intermédio da abstinência total

da ingestão de bebidas alcoólicas. No início, é difícil aceitar a doença. Passei a me conhecer melhor e hoje evito o primeiro gole. Consigo me divertir sem álcool, diz